

Hypnos

Verlaine Freitas

Um cachorro adormece
na janela da tarde,
respirando o interregno
modorrento das palavras
famílias formigas e coisas
meninas.

O corredor de luz desenha
ao zumbido das moscas
uma pauta em diagonal,
um buraco luminoso no assoalho
quintal da parte transparente do dia,
aquela crua intimidade das roupas
se agarrando no esforço inútil da vida,
aborrecendo as paredes alvas de sombras
enervadas pelo sopro índice de chuva.

Um nada sobressalta o cão
em qualquer assovio recorta
a perda do amálgama inerme
no tempo vegetal da altivez diuturna;
o senso de pertencer ao segredo do chão
se imiscui ao respiro barroco das nuvens,
levando suas conchas e manchas térreas
a divagar na placidez de um mundo
que se esqueceu a si mesmo
na hipnose solar do vértice das horas.